

ESPOSITO, Costantino. *O niilismo de nosso tempo. Uma crônica*. (Tradução Enio Paulo Giachini). Coleção Leituras Filosóficas. São Paulo: Edições Loyola, 2023, 222 p. ISBN 9786555042405

O livro de Costantino Esposito, professor de História da Filosofia e História da Metafísica na Universidade de Bari Aldo Moro, nasce de uma série de artigos publicados originalmente no *L'Osservatore Romano*, o importante jornal vaticano, a convite de seu editor. Tanto esta circunstância quanto a caracterização do conjunto de textos como uma crônica já revelam a intenção e o nível escolhido pelo autor para suas reflexões: trata-se de expor um fenômeno de extrema atualidade - o fenômeno do niilismo, entendido como forma estruturante do modo de ser-no-mundo contemporâneo - para um público culto, mas não necessariamente acostumado às altitudes rarefeitas do discurso filosófico, e expô-lo a partir de uma posição filosófica genuína, fazendo referência à interpretação filosófica do niilismo desenvolvida por pensadores da tradição, mas mantendo-se sempre próximo da experiência vivida no cotidiano dos tempos atuais - daí a forma da crônica. A intenção do livro é capturar o interesse do leitor não especialista para a presença real do niilismo na vida concreta, e esclarecê-la filosoficamente, colocando o foco mais na autocompreensão assim adquirida, e menos nas teorias filosóficas consideradas em si mesmas. Esse projeto para o texto é apresentado claramente pelo autor:

“O interesse que se pode vislumbrar sempre de novo nessas vozes [filosó-

ficas] ajuda a superar a mera teoria filosófica e oferecer, ademais, possibilidades de autocompreensão da vida. Por várias vezes pode acontecer de se notar a força que pode ter uma intuição ou uma palavra para evocar o sentido, como são capazes de iluminar um núcleo da nossa experiência, mesmo que não fôssemos de todo ‘seguidores’ ou apoiadores da doutrina filosófica geral daqueles que no-la sugerem” (p. 99-100).

Essa é a primeira virtude do livro de Costantino Esposito: abrir-se à consciência bem cultivada mas não especializada, e apresentar-lhe uma valiosa chave de compreensão filosófica da experiência contemporânea, de forma acessível, mas sem perder jamais o bom nível da reflexão. Ao invés de enclausurar-se em um diálogo restrito aos iniciados no discurso filosófico, o autor recorre a fenômenos do imaginário cultural para discorrer e pensar sobre as dimensões do niilismo contemporâneo, tal como aparecem na literatura, no cinema, nas séries televisivas em voga. Também a situação concreta da pandemia de Covid 19 serve de suporte e referência às reflexões de Esposito, que constrói assim uma trama que perpassa toda a crônica, em que a mirada filosófica percorre a experiência diversificada da cultura contemporânea. Tudo isso dá ao texto a eficácia comunicativa pretendida em sua concepção mesma: traz a reflexão sobre um tema/evento candente de nossa situação civilizacional da torre de marfim da reflexão filosófica, desenvolvida *intra muros* na academia, para a carne-viva da

experiência de quem siga atentamente as formações da realidade cotidiana nos tempos do niilismo consumado. Como diz o autor a certa altura de sua exposição, em que recorre à tradição filosófica para refletir sobre a desconcertante noção do nada: “note-se que não estamos fazendo uma simples resenha de teses filosóficas, mas, sim, identificando diferentes maneiras de ser e estar no mundo das pessoas, mesmo que nada conheçam das coisas da filosofia” (p. 96).

Enfatize-se, portanto, que o livro não pretende ser uma contribuição ao campo especializado da pesquisa acadêmica sobre o niilismo, embora possa ser bem aproveitado até mesmo nos cursos de graduação em filosofia. Não se trata, assim, de um comentário técnico e especializado aos pensadores que se tornaram referência obrigatória na reflexão a respeito do tema abordado, aí incluída a imensa bibliografia secundária. Costantino Esposito, nas relativamente poucas e breves menções que faz a Nietzsche (“o inevitável Nietzsche”: p. 143), por exemplo, adota clara e explicitamente uma posição pessoal, autônoma, frequentemente em divergência com o pensamento nietzschiano. Mesmo porque, como sugere o título do livro e como sustenta o autor, “o niilismo de nossa época é diferente do niilismo de Nietzsche” (p. 108).

A segunda grande virtude do livro está, justamente, na posição sustentada nessa crônica do niilismo: um sopro de otimismo e esperança insufla a perspectiva de Esposito. Para ele, o niilismo deixou de ser apenas um dado para se tornar novamente um problema, indicando não mais apenas uma perda, mas acima de tudo uma necessidade (p.23). E as indicações feitas neste sentido, sempre apoiadas na crônica de fenômenos culturais atuais interpretados filosoficamente, são extremamente sugestivas,

ainda que possam ser contestadas – o que, aliás, não deixa de ser uma virtude a mais do livro. A problematização do niilismo contemporâneo abre a possibilidade de se pensar os rumos e destinos da civilização da técnica segundo perspectivas fecundas. A posição otimista do autor, que interpreta sinais de ultrapassamento do niilismo em vários eventos e fenômenos culturais, é recorrentemente apresentada no texto, como fica ilustrado na seguinte passagem:

“Desse ‘nada’ dilacerado pela presença das coisas, dos acontecimentos e das pessoas, o niilismo, paradoxalmente, nada sabe. Este (o niilismo) se encarrega exclusivamente de medir e gerir a realidade ‘de forma técnica’, privando-se e privando-a do incômodo de um significado último de si mesma e do mundo. O nada – enquanto conceito, mas mais ainda como experiência irredutivelmente humana – pode então ser visto como o ponto em que se deve tomar de base para derrubar a grande pretensão do niilismo. O nada talvez seja o maior amigo do ser.” (p. 101)

Da mesma forma, ao apoiar-se em Philip Roth, expoente da literatura norteamericana contemporânea, para tratar da conhecida “desconstrução do sujeito”, posição verdadeiramente canônica no pensamento pós-moderno, Esposito deixa clara a sua postura dialógica, crítica e otimista:

“Devemos, portanto, levar a sério a crítica niilista do eu como o ‘sujeito’ herdado do pensamento moderno, aquele que dispõe plenamente de si mesmo e, ao mesmo tempo, conquista o mundo fora de si, agarrando-o com seus conceitos. No entanto, levar a sério essa crítica não significa necessariamente partilhá-la ou confirmá-la, muito menos considerá-la um destino necessário. Em vez disso, significa compreender qual

é a questão que a move, e que nova pergunta torna possível” (p. 141).

O primeiro capítulo do livro oferece um “arranjo inicial” a todo o percurso que será apresentado ao longo da crônica. Os capítulos de II a XI são a reprodução dos artigos publicados no *L’Osservatore Romano*, e simultaneamente oferecem o material e preparam o terreno para uma maior articulação da reflexão, desenvolvida nos capítulos de XII a XVIII. Esta segunda parte do livro consolida a perspectiva apresentada na primeira, abrindo, conforme expressamente desejado pelo autor, mais amplas perspectivas para um maior aprofundamento da reflexão oferecida no livro (p.15). O capítulo XII (“Sobre o desejo do verdadeiro”), por exemplo, é de atualidade e urgência extremas, sendo absolutamente fundamental para a tese de fundo do livro: no cenário contemporâneo, profundamente destruído pela presença endêmica das *fake news*, sintoma civilizacional maior do triunfo do niilismo de corte cínico, repropor sóbria e realisticamente a questão da verdade, tal como aparece no desejo do sujeito niilista, segundo Esposito, abre uma janela para percebermos uma linha de evolução que confina com a esperança - o que não é de se desprezar, numa situação em que um desespero terminal aprisiona a consciência espoliada de seu sentido próprio. Em uma passagem, que pode ser tomada como representativa de toda a perspectiva apresentada sobre a superação do niilismo em suas várias manifestações, diz Costantino Esposito: “Trata-se, portanto, de reconquistar uma verdade como ‘minha’, à qual eu possa assentir com toda a afetividade da minha razão, *certificando-me* de que essa verdade esteja à altura das necessidades da minha razão. E o que importa, aí, é questionar permanentemente nossas certezas para *verificar* se

elas estão à altura do dar-se efetivo do mundo” (p. 80).

O mesmo se pode dizer para os outros aspectos da experiência do niilismo contemporâneo trabalhados nos vários capítulos do livro. Costantino Esposito aborda ideias correntes em nosso tempo, examinando-as filosoficamente e debatendo com suas inflexões niilistas: a redução da inteligência a uma modalidade instrumental de medir e calcular (capítulo III: “A inteligência não é um piloto automático”), a relação entre conhecimento e afeto (capítulo IV: “A distância que há entre conhecimento e afeição”), o sentido espiritual da encarnação humana (capítulo VI: “A vocação da carne”), a dimensão misteriosa da realidade – contra os diversos reducionismos de índole positivista (capítulo VIII: “O choque perante o mistério”), a disputa entre crença – ou “interpretação” – e fato (capítulo IX: “A distância entre a certeza e a verdade”), a tensão entre direitos individuais e deveres sociais (capítulo XIII: “O dever que atrai”), o problema do eu e suas relações com a realidade (capítulos XIV: “A emoção que habita a razão: Inside Out”; XV: “Com que olhos olhamos para o mundo”; XVI: “A perda do eu, a reconquista do si mesmo”; e XVII: “Um poder ambíguo. A face técnica do niilismo”), determinismo e liberdade (capítulo XVIII: “Rust, Dolores e o enigma da liberdade”).

A crônica filosófica de Costantino Esposito sobre o niilismo contemporâneo chega em boa hora. Sua relevância e originalidade podem ser atestadas por uma leitura imparcial, uma vez reconhecidos a intenção e o correspondente nível escolhido para a obra. A opção de não se restringir apenas à acadêmica remissão de textos a textos, de pensadores a pensadores, mas de ir ao encontro da realidade vivida em sua atualidade no mundo da vida (mesmo quando seja

a realidade representada na indústria cultural), tem a vantagem de conquistar o leitor não especializado para o sentido e valor da reflexão filosófica na tarefa sempre recomeçada de compreender a si mesmo e ao mundo em que se vive. E a sugestão otimista de uma luz no fim do túnel da experiência civilizacional do niilismo, ainda que possa ser julgada

prematura, serve como um estímulo a seguir refletindo sobre as possibilidades do humano em um tempo de angústias e perplexidades.

Marco Heleno Barreto
Departamento de Filosofia da FAJE

DELIGNE, A. *L'itinéraire philosophique du jeune Éric Weil. Hambourg – Berlin – Paris, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, Collection Études weilliennes, 2022, 805 p. ISBN : 978-2-7574-3646-2*

O presente volume é a conclusão de um projeto de pesquisa iniciado em 2017, atendendo ao convite do então diretor do *Institut Éric Weil*, Patrice Canivez, para fazer uma edição crítica e comentada de cerca de vinte inéditos em língua alemã do jovem Éric Weil. A Antologia de textos, que ocupa dois terços do volume, é antecedida por um Prefácio de Gilbert Kirscher¹ e de uma longa Introdução geral, que pretende contextualizar o conjunto de inéditos e retrazar o percurso intelectual do jovem Weil. O autor limita suas análises e reflexões ao período da República de Weimar, a partir do término dos estudos secundários de Weil no Liceu de Parchim e do seu ingresso nas faculdades de medicina de Hambourg e Berlin em 1922 até o exílio forçado de Weil em Paris em 1933. A apresentação dos textos respeita a ordem cronológica da sua produção, mas devido às aproximações entre certas matérias abordadas, o autor também leva em conta a lógica temática. Seu objetivo é revelar os interesses que subjazem à produção do jovem Weil e o ponto de vista da abordagem é o de um historiador das ideias e das práticas culturais.

A Introdução geral é composta por seis capítulos e uma conclusão. O autor começa pela exposição do contexto cultural e histórico da formação de Weil

¹ Gilbert Kirscher, Professor emérito da Universidade Charles de Gaulle-Lille 3 a partir de 1999. É Co-fundador do Instituto Eric Weil (IEW), executor testamentário (com E. Naert e J. Quillien) do Legado de Weil-Mendelsohn. De 2003 a 2009, cuidou da organização da Biblioteca Eric Weil, da classificação e digitalização dos documentos pessoais de Eric Weil, do estabelecimento de catálogos e elementos biográficos publicados no página web do IEW.

no Liceu, chamado clássico, produto da reforma empreendida pelo filósofo linguista Wilhelm von Humboldt no início do século XIX, de forte inspiração humanista. Segundo o autor, o *Friedrich-Franz Gymnasium* de Parchim “era na época um dos estabelecimentos de educação mais reputados da região de Macklembourg-Pomerânia Ocidental e um dos mais respeitosos da tradição” (p. 27). A passagem da medicina à filosofia, à germanística e às matemáticas não foi intempestiva, pois desde o semestre de verão de 1922 Weil estava inscrito nessas disciplinas, além de história da arte. Um dos grandes nomes da filosofia em Hambourg na época era Ernst Cassirer, que será seu diretor da dissertação doutoral *Das Pietro Pomponazzi Lehre von dem Menschen und der Welt*, apresentada em 1928 e publicada em 1932 no *Archiv für Geschichte der Philosophie* de Berlin².

Hambourg se tornou um dos centros da inteligência alemã nos anos 1920 em consequência da criação de sua Universidade em 1919, mas também à transformação da biblioteca privada do historiador da arte Aby Moritz Warburg (1866-1929) em centro público de pesquisa ligada à Universidade, a partir de 1920, tornando-se a célebre KBW de Hambourg (*Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg* [Biblioteca Warburg para as ciências da cultura]) frequentada assiduamente pelo jovem Weil, dando enorme impulso ao seu interesse pelo Renascimento, pela ciência e pela história da arte, bem como pelos estudos neoplatônicos, que frutificarão

² Uma tradução francesa desta obra foi feita por G. Kirscher e J. Quillien, com tradução das notas latinas por L. Bercond, e publicado juntamente com o texto do memorial reconhecido como diploma da *École Pratique des Hautes Études*, apresentado em 1938, sob a direção de A. Koyré, editado por E. Naert e M. Lejbowicz. Cf. WEIL, E. *La Philosophie de Pietro Pomponazzi. Pic de la Mirandole et la critique de l'astrologie*, Paris, Vrin, 1985.

posteriormente na obra *Ficin und Plotin*, um manuscrito de 52 páginas, com data aproximada do início dos anos 1930, editado por Alain Deligne, autor da obra aqui resenhada³.

Após os capítulos dedicados à formação do jovem Weil, o autor nos apresenta um capítulo sobre as intervenções radiofônicas de Weil nesse período. Para compreender a importância dessas emissões, é preciso levar em conta que a primeira estação de rádio alemã, a *Funk-Stunde AG Berlin*, começou a funcionar no final de 1923. Essa nova mídia teve grande penetração, a ponto de ser transformada em 1934 em *Reichssender Berlin* (emissora berlinense do Reich), que já vinha sendo dirigida desde 1932 por Richard Kolb, membro do Partido Nacional-Socialista dos trabalhadores alemães de Adolf Hitler. O autor destaca uma emissão intitulada “Espírito e vida”, um diálogo de 1928 entre Weil e o germanista Wolfgang Kayser sobre “Literatura e Filosofia”. Lembremo-nos que sob o título de “Geist und Leben”, Cassirer reuniu a partir de 1930 reflexões destinadas ao volume IV da sua *Filosofia das formas simbólicas*. O segundo destaque é uma emissão de 1931, intitulada “Hegel”, que virá a ser o primeiro texto de Weil sobre o filósofo. Note-se que em 1931 celebrava-se o centenário da morte do filósofo, ocorrida em 14 de outubro, e a emissão foi ao ar em 16 de outubro. Finalmente, uma conferência sobre a vida estudantil, intitulada “O estudante salariado” (*Der Werksudent*), feita em Berlin em 1932. Nessa emissão Weil serve-se da sua própria experiência como estudante salariado nos anos de Hambourg, e na qual se sente “a simpatia de Weil pelas classes sociais desfavorecidas” (p. 147).

³ Cf. WEIL, E. *Ficin et Plotin*, édité, présenté et commenté par A. Deligne. Traduit avec la collaboration de M. Engelmeier, Paris: L’Harmattan, 2007.

Uma última palavra sobre o itinerário filosófico do jovem Weil antes de seu exílio forçado na França em 1933. Em 1931 Gerhard Krüger publica um obra que será saudada por Weil, em recensão de *Kant-Studien*, como um “progresso decisivo na explicitação (*Auslegung*) moderna de Kant”⁴. Na impossibilidade de resumir o livro de Krüger, limito-me aqui a transcrever o que Alain Deligne designa como seus resultados: “a metafísica de Kant é, segundo Krüger, uma metafísica que se inscreve num horizonte criacionista que leva em conta os interesses do homem agente. A antropologia é seu ponto de partida, e a moral seu centro. [...] Diferentemente da metafísica dogmática, especulativa, a metafísica kantiana não pode ser ‘arrancada da vida’” (p. 191). Embora discordando dos resultados do livro de Krüger, Weil conclui o Prefácio à tradução francesa, escrito quase 30 anos após a recensão de *Kant-Studien*, que a divergência é o contrário de uma crítica, pois “o que de maior se pode dizer de um livro filosófico, é que ele compromete (*engage*) a discussão sobre os problemas fundamentais. [...] Krüger restitui ao pensamento contemporâneo, não algumas ideias, mas a problemática e o sistema de um dos maiores filósofos. Ele permite assim a esse pensamento melhor se compreender ao compreender aquele do qual vem sua ‘modernidade’, modernidade à qual todos pertencemos, mesmo quando nos levantamos contra ele – o que não é o caso de Krüger – em nome de um bom velho tempo da

⁴ Cf. KRÜGER, G. *Philosophie und Moral in der Kantischen Kritik*, Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1931. A recensão de Weil aparecerá em *Kant-Studien*, vol. 37, 1933, p. 442-444. A obra de Krüger foi traduzida para o francês por M. Regnier, com um Prefácio de Éric Weil: *Critique et morale chez Kant*, Paris: Beauchesne, 1961. A recensão foi traduzida e publicada em: KIRSCHER, G. *Eric Weil ou la raison de la Philosophie*, Villeneuve d’Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 1999, p. 291-297.

filosofia, bom e velho porque não é mais o nosso”⁵.

O “exílio forçado” de Weil começa em 1933, quando chega a Paris no final de março, procedente de Berlin. Tendo aprendido com Cassirer que “a irrupção do mito na história podia se realizar num banho de sangue” (p. 207) e, depois da leitura de *Mein Kampf* (1925-1926), Weil estava convencido de que os acontecimentos políticos de 1933 não tinham nada de repentino nem de imprevisível. Para Weil foi decisiva nessa transição cultural da Alemanha para a França a presença de Alexandre Koyré, russo de origem judia, que desempenhou para Weil “o papel de mentor espiritual equivalente ao que foi exercido por Cassirer na Alemanha, afirmação que deve ser precisada para que se verifique plenamente. O que é certo é que Koyré, tradutor de Cassirer, historiador das ciências como ele, e tendo feito pessoalmente a experiência do exílio, ajudou Weil a estabelecer uma continuidade com os anos alemães que ele deixava atrás de si” (p. 225). De 1934 a 1937 Weil colaborou com Koyré na sua revista *Recherches Philosophiques*, tendo publicado várias resenhas e, em 1935, seu primeiro artigo em francês (*De l'intérêt que l'on prend à l'histoire*), e foi sob a direção de Koyré que Weil defendeu a tese sobre Pico de la Mirandola, em 1938 na École Pratique des Hautes Études.

Antes de passar a Antologia de textos, que ocupará dois terços do livro ora recenseado, é de grande interesse para

a compreensão do itinerário filosófico do jovem Eric Weil, o “boletim” de seu exame de doutorado, seguido do parecer de Cassirer sobre a tese de Weil sobre Pomponazzi (p. 246-252), bem como o “histórico escolar” de todos os cursos frequentados por Weil em Hambourg e Berlin, de 1922 a 1928 (p. 255-269). É também de grande interesse para os estudos weilianos a “Cronologia e Éric Weil” de autoria de Gilbert Kirscher, paginação de Fatiha Iznasni (p. 271-288).

A Antologia de textos da juventude, apresentados e traduzidos pelo autor, é uma extraordinária contribuição aos estudos weilianos, resultado da tenacidade e da competência de Alain Deligne ao longo de quase cinco de trabalho. Fizemos referência a alguns desses textos ao longo dessa resenha como, por exemplo, o diálogo radiofônico “Espírito e Vida. Um diálogo sobre filosofia e literatura”, e a emissão radiofônica sobre “O estudante salariado”. Esses textos, até agora inéditos, alguns deles manuscritos, outros datilografados, todos eles conservados na Biblioteca do Instituto Eric Weil, na Universidade Charles de Gaulle 3, de Lille, constituem um verdadeiro tesouro para os estudiosos da obra de Eric Weil. Certamente esta obra, literalmente monumental, se tornará um marco na literatura dos estudos weilianos, tanto no Brasil quanto nos outros quadrantes do mundo em que a obra de Weil é estudada.

Marcelo Perine
FAFICLA - PUCSP

⁵ Cf. WEIL, E., *Préface*, op. cit, p. 10s.

